

# Jornal de Melgaço

ORGÃO DOS INTERESSES LOCAES

**ASSIGNATURAS**

Anno . . . . .	1,5000 réis
Semestre . . . . .	800 . . .
Africa (anno) . . . . .	2,5000 . . .
Brazil . . . . .	3,5000 . . .

**PROPRIETARIO E EDITOR**

Quarte A. de Magalhães

**ANNUNCIOS**

Por cada linha . . . . .	40 réis
Outras publicações contracto especial . . . . .	
Numero avulso . . . . .	40 . . .

MELGAÇO, 16 DE ABRIL

## O NOVO MINISTRO DA GUERRA

O «Seculo», publicando o retrato do sr. coronel Moraes Sarmiento, acompanhando-o das seguintes palavras:

«Espírito liberal nunca desmentido, o sr. Moraes Sarmiento é uma das mais notáveis e proeminentes figuras do nosso exercito.

Sentando praça em 1861, matriculou-se no curso de infantaria da escola do exercito, sendo promovido a alferes em 8 de junho de 1862, a tenente a 16 de fevereiro de 1869, a capitão em 18 de agosto de 1875, a major em 31 de outubro de 1884, a tenente-coronel em 7 de novembro de 1888 e a coronel em 30 de junho de 1893.

Pelo seu alto valor foi escolhido para exercer diversos cargos de confiança, entre os quaes e de promotor de justiça militar, em que se houve brilhantemente, sendo muitos e notáveis os discursos que pronunciou nos conselhos de guerra, sobrelevando a todos os que produziu como promotor no julgamento de Marinho da Cruz e como defensor nos dos implicados na revolta do Porto; n'este ultimo julgamento, o sr. Moraes Sarmiento, não esquecendo as honradas tradições da familia liberal perseguida pelas suas crenças, affirmou que as conserva como um culto, como uma religião, que é tão sincera como leal é o seu peito.

Além d'isto exerceu tambem as funções de secretario do collegio militar, em que se conservou até ser nomeado adjunto ao ministerio da guerra; os de director da repartição militar estabelecida no ministerio da fazenda por occasião da reorganização militar das guardas fiscaes; e de commandante da escola pratica de infantaria em Mafra, em que deu as mais levantadas provas de organisador e disciplinador, etc.

O modo como desempenhou nos tribunaes militares as funções de representante do ministerio publico e os seus es-

criptos juridicos mereceram que a commissão de legislação criminal da camara dos deputados na ultima legislatura o escolhesse para seu presidente, havendo no seio d'ella ministros de estado, juizes de 2.ª e 1.ª instancia e advogados distinctos.

Em outras commissões da mesma camara lhe foi concedida a mesma distincção.

Pelos mesmos motivos ainda, a secção de direito do Instituto de Coimbra votou a sua admissão como socio d'aquella douta sociedade.

Como escriptor militar, além da sua vasta publicação em jornaes da especialidade e ainda em outros, deu á estampa as seguintes obras: «Offensas corporaes contra superiores»; «A formatura fundamental na cavallaria»; «Legislação Penal Militar»; «Constituição dos tribunaes militares e respectiva forma de processo»; «Da responsabilidade criminal de alienados e especialmente dos epilepticos»; «O real collegio militar»; «Revolta e, rebelião»; «Portugal e a neutralidade defensiva da Hespanha»; «As escolas regimentaes em Portugal».

Trabalhando na imprensa jornalística desde os mais verdes annos, collaborou na «Revolução de Setembro» ao lado de Antonio Rodrigues Sampaio, e em outros jornaes. Actualmente era director da «Revista militar» o jornal de mais larga tiragem da especialidade e tambem um dos mais antigos que hoje se publicam, pois conta 48 annos de existencia.

Alguns dos seus escriptos militares foram traduzidos em francez e hespanhol.

O sr. Moraes Sarmiento tem as seguintes condecorações: é grande official de S. Bento de Aviz; commendador da mesma ordem e da de S. Tiago do merito litterario scientifico e artistico; cavalheiro da Torre e Espada; tem as medalhas militares de ouro da classe de bons serviços e de prata da mesma classe e de comportamento exemplar.

Affirma o illustre correspondente de Lisboa para o «Commercio do Porto» que o sr. Moraes Sarmiento acceptára a pasta da guerra porque lhe fora dada segura

garantia de que a actual situação politica lhe daria tempo para pôr em pratica as suas projectadas reformas.

Pouco se pôde saber ainda das ideias do novo ministro, parece porém que não acceptará intimize alguns dos projectos do seu antecessor e que outros serão modificados nas commissões. Eliminará a pena de morte para os crimes de rebelião. Pensa em fomentar a instrução do exercito, creando para isso escolas centraes. Vae modificar a classe de sargentos, no sentido de fazer de uma parte d'ella um corpo tecnico.

## NA CAMARA

Os srs. Pimentel Pinto e Moraes Sarmiento

O sr. presidente do conselho, referindo-se á exoneração concedida ao sr. conselheiro Pimentel Pinto, do cargo de ministro da guerra, informa que tendo-lhe s. ex.ª dado, ha dias, conhecimento de algumas propostas de lei que lencionava apresentar ao parlamento, francamente lhe respondera que não concordava com ellas, por trazerem consideravel augmento de encargos para o thesouro, julgando-as, por isso menos opportunas n'esta occasião. Diligenciou, quanto pôde, demover s. ex.ª da apresentação d'essas propostas, mas vendo baldados os seus esforços n'esse sentido, entenderam dever reunir o conselho de ministros, que effectivamente reuniu ante-hontem á noite, succedendo que ali mais se accentuou a divergencia de opiniões. Em consequencia, o sr. Pimentel Pinto entendeu dever resignar a gerencia da sua pasta, e levada esta resolução perante o chefe do Estado, El-Rei houve por bem acceptar a demissão de s. ex.ª e encarregar da gerencia da pasta da guerra o sr. coronel Moraes Sarmiento.

N'este momento faltaria a um dever de sentimento e de justiça, se não deixasse bem claramente consignada a expressão de pesar com que todos os ministros viram sabir do ministerio o sr. Pimentel Pinto, amigo lealissimo, companheiro dedicado, que assignalou a gerencia da sua

pasta com actos de incontestavel valor e alcance, e que prestou importantes serviços a El-Rei, ao paiz, ao exercito e ao governo da nação.

Quanto ao novo ministro, o sr. coronel Moraes Sarmiento, accentua que s. ex.ª é bem conhecido da camara, a que já pertenceu, e cre que todos teem muito a esperar da sua illustração e dos seus conhecimentos em assumptos militares.

Falla em seguida o sr. **Pimentel Pinto**:

Diz que não se levanta para fazer qualquer rectificação, ou para confirmar as palavras do sr. presidente do conselho, acerca dos motivos que determinaram o orador a pedir a demissão de ministro da guerra, porque, o que s. ex.ª diz, não carece de confirmação de ninguém. Julgou-se obrigado a pedir a palavra unicamente para agradecer as phrases lisongeiras com que o sr. Huitze Ribeiro se lhe referiu, assim como os applausos com que a camara o acompanhou.

Deseja tambem declarar que, politicamente, fica onde estava; fica ao lado do governo, e não pode deixar de dar um publico testemunho do seu reconhecimento pela boa e leal camaradagem com que sempre foi honrado pelos seus collegas, durante os tres annos que geriu a pasta da guerra.

Agradece tambem a cooperação que o sr. presidente e a camara lhe dispensaram, e termina cumprimentando o seu successor, de cuja illustração e intelligencia o exercito tem muito a esperar, e cuja gerencia cre que ha-de ficar registada entre as mais distinctas, pelos serviços que s. ex.ª, de certo, ha-de prestar á disciplina e instrução militar.

Em seguida o sr. **Moraes Sarmiento**, agradece as phrases benevolas que acabam de lhe ser dispensadas pelo sr. Pimentel Pinto.

Empenhar-se-ha em continuar a obra de s. ex.ª, procurando levantar o nivel intellectual e moral do exercito, e manter a disciplina nas fileiras militares.

As suas forças são debéis, mas apoiado pelo voto do parlamento, diligenciará cor-

e grangear para ti o infortunio, e para elle o arrependimento. Se soubesses o que deve ser o arrependimento entre casados, a maior prova de amor que podias dar a esse rapaz, seria esquecer-lo. Tu sabes que vivemos do ordenado de teu pae: temos podido manter a decencia e o luxo até dos teus esprichos de formosa; porém, nada mais podemos. Se tivesses um grande dote, a primeira diligencia o teu casamento com Ricardo de Sá, seria eu. Assim, reprovo-o, opponho-me, e serei eu a encarregada de dizer a esse cavalheiro que a tua vontade não é livre, ou que a tua escolha foi outra.

«Não diga tal, mamã. Se casar com o homem que me destinam, a escolha não é minha. Deixem-me, ao menos, este desfoço... Fique a responsabilidade da acção a quem me obriga.

—Pois teus paes acceptam a responsabilidade, Ludovina.

O dialogo rematára assim, quando se fez annunciar Ricardo de Sá.

D. Ludovina, com os olhos humedecidos, e desconcertado o semblante disse á mãe que não podia ir á sala, e recolheu-se ao seu quarto. Foi D. Angelica receber a visita.

Ricardo esperava-a na sala, correndo o teclado do piano, com a sem cerimonia de um visitante habitual. Apertou-lhe a mão, beijando-a ao estilo da França, cousa que elle vira fazer a quatro ou cinco viajantes distinctos do Porto, que tinham conhecido, em Paris, a «mesa-redonda» dos hotéis onde estiveram. Ahi vão á pressa dois traços este Ricardo de Sá. É um bacharel formado em direito, filho de outro bacharel que faz requerimen-

tos, em quanto o filho, reservado para a magistratura, destino em que se dispensa vocação, faz cartas de namoro com letra ingleza, e timbra em comprar no *Moré* os mais anilados *enveloppes*, e o melhor papel-setim de fimbria dourada.

Lê, e empresta os romances aos namoros; commenta-os na margem das paginas, e addiciona-lhes appendices manuscriptos de lava sua, quando a catastrophe merece ser corrigida.

Além d'isto, o bacharel tem tres bengalinhas, que reveza, todas muito bonitas, com os punhos de massa de marfim, formando uma o grupo das graças, outra o das musas, e a mais embrincada é uma Suzana a sair do banho, espreita pelo olho lascivo dos arreitados juizes de Israel. Ricardo de Sá consome as manhãs, que principiam para elle ás onze horas, dividindo os cabellos em delgados fasciculos, e lustrando cada um d'elles com um cylindro de cera. Aguçá, quanto possível, as guias do bigode, encerrando-as, e envernisa a perra com um o'eo contido no decimo nono frasco da terceira serie. Depois, o laço da gravata, e a collarção symetrica do pseudo chapéu é obra de fôlego que lhe dá tempo de assoziar dois actos do *Trovador*, a aria valida do *Rigoletto*, e o acto final da *Lucia*. De seguida, a compostura airosa das lapellas do fraque, a ultima demão de escova, e o apurmo do chapéu, onde não ha um fio erraçado, tolhem muitas vezes a saída do peralta, que se encontra com a terrina da sopa do jantar.

O bacharel nutre-se do ar puro, e d'alguns espropulos do carne de boi. O pae, homera rolico e respeitador das immunidades do estomago, suppõe que seu filho desbarata a pequena mezada

nas casas do pasto, o não se assusta da inappetencia.

Ricardo cre que o seu estomago destacoa tecidos para o coração, reservando para o functionalismo alimenticio um estomago-miniatura, o *quantum satis* das completões sylphidicas. Convicio da excrecencia espirital, cre-se dotado de fluidos nervos, magnetismo, electricidade, etherisação. Julga-se em fim anestésico, ospasmodico, dinamico, em fim tudo o mais que não se entende.

Não ama as mulheres, pranteia-as como victimas do seu poder fascinante. Algumas vezes, tem a piedade de as não encarar para as não abysmar. Outras, exerce a cruoz da experiencia, fitando-as com o olho carregado de electricidade, fala-lhos com um timbre magnetico que elle sabe e, não ha que ver, o *omnambulismo* é prompto, a attração é irresistivel como a da cobra-casca-vel do Canada após o tanger da flauta.

Cre tudo isto o bacharel, e ha velhacos que lh'o ouvem com a sisedeza da creença, e lhe não recitam um curativo de causticos.

D. Indovina Pimenta é uma das suas somnambulas, e a menos victima de todas. Ricardo distingue-a, impondo-se a obrigação cavalheiresca de corresponder-lhe quanto em si cabe para que a infeliz desilludida não tente contra a existencia. Vae vel-a todos os dias, conversa litteratura com a mãe, t ma uma chovena de chá sem assucar, e despede-se ás onze horas, dizendo que vae esperar no seu quarto a hora da inspiração matinal para continuar a sua obra intitulada: O SECULO PERANTE A SCIENCIA.

Continúa.

3.º Anno «Jornal de Melgaço» N.º 199

## FOLHETIM

O QUE

## FAZEM MULHERES

ROMANCE PHILOSOPHICO

POR

Camillo Castello Branco

«Mas se eu fosse feliz com o meu vestido de chita, e o homem do meu coração?»

—Isso é romance, menina. Nunca é feliz com um vestido de chita a mulher que tem amigas com vestidos de seda. Hoje reina a opinião publica, Ludovina, não é a consciencia de cada um. O agente principal do espirito de uma mulher é a modista. Se ha casadas que envelhecem disputando ás netas a melhor eleição de um talhe de vestido, que farão as solteiras?

Basta de razões insignificantes, que devem humilhar a tua razão, Ludovina. Eu nunca embarcei esse ligetro conhecimento que tens com o Ricardo de Sá, por saber que nunca seriam tardias as reflexões que te faço agora. Não podes casar com esse homem sem desgostar teus paes,



responder pelos seus actos, á manifestação com que s. ex.<sup>a</sup> o honrou.

Não faz programma. O seu programma serão os seus actos. Se elles merecerem a approvação do paiz, dar-se-ha por satisfeito.

Tanto as palavras do sr. Pimentel Pinto como as do sr. Moraes Sarmiento foram acolhidas com manifesta sympathia. As declarações lealissimas do illustre ex-ministro da guerra e a sua affirmação de que o partido regenerador e o governo podiam contar com o seu inteiro apoio, mereceram ao sr. Pimentel Pinto os applausos da camara.

A modestia com que o sr. Moraes Sarmiento se apresentou, a franqueza das suas palavras, onde se reflectia o seu character bom, sincero e leal, produziram a melhor impressão tanto na camara como nas galerias.

Folhas dispersas

Do José Ferraz, o distincto poeta, que já mostrou aos nossos leitores o seu talento na varias poesias, «Saudades», esse trecho de admiravel prosa que segue.

Paulo e Virginia

Era uma d'essas formosas noites de maio! Num pequeno jardim, perfumado pelos aromas inebriantes das flores e banhado na luz dulcissima do luar, Paulo e Virginia fallavam do seu amor!

Amor! poema sacrosanto que nos enleva o coração, arrebol bendito que nos illumina a existencia, aurora rutilantissima que nos embala nos seus perfumes!

Fizeste-me ha pouco uma pergunta, dizia Paulo, que quasi me offendeu! Perguntaste-me se te amava!

Olha: pergunta ao exilado se ama a sua Patria, ao poeta a sua musa, ao naufraga as ondinas do mar, aos astros a força mysteriosa que os sustenta no espaço, aos passarinhos os pássamos infinitos, á noite a pallidez da lua, ao anachoreta a solidão e ás flores os seus perfumes que todos estes seres, n'um brado unisono, e entusiasta, n'um amplexo fremente e sublime, dir-te-hão que se adoram!

Agora reune e funde n'um só todos estes amores que o resultante da fusão de todos elles ajuda será pequeno em face do meu!

Foste tu que fizeste irradiar no temporal da minha vida esse estrella fulgurantissima!

Amo-te muito, muito! Tu és a minha unica esperança, és o meu porvir, és a minha vida.

Virginia por unica resposta estendeu-lhe os seus braços niveos como petalas de camellias e, passando-lh'os em volta do pescoço, imprimiu-lhe nos labios um beijo puro e apaixonado!

Paulo, embriagado pela suprema felicidade de apertar entre os seus braços aquella que elle amava com todo o fogo d'uma primeira paixão, beijava-a, frementemente delirantemente!

Alem o horizonte tingia-se de varias cores e a lua, no seu borem azul desmaiava ao despertar da manhã que ia encontrar os dois amantes, completamente esquecidos, ainda n'aquelle amplexo divino, formando um quadro preciosissimo para a tela de Raphael!

Viaanna do Castello.

José Ferraz.

VILLANCETE

A João Brito

Ail quem me déra, Senhora, Dona minha encantadora, Um raio do Teu olhar!...

Ail se eu podera, Formosa, Rogar-te os labios de rosa, Beijar-te o seio fremente, Tua fronte tentadora!... Quem me déra nos meus braços, O teu corpo em mil abraços Estreita-l'O docemente, Ail quem me déra Senhora!...

Podesse eu ó branca rosa, Gentil, louca mariposa, Teus beijos aos mil fruir! Na tua fronte tão loura, Brinca a luz celestial; O teu corpo esculptural O' quem me déra possuir Dona minha encantadora!...

Quizera virgem, Formosa, Bella fada côr-de-rosa, No teu seio reclinado, Ouvir d'elle o que me arfar; E ter n'alma essa poesia, Essa meiga phantasia, (Como um cantico sagrado) Um raio do teu olhar!...

Novembro, 95.

Turibio Monteiro

Do inspirado poeta, o nosso amigo e distincto collega do «Jornal de Vianna» Oscar de Pratt, transcrevemos esse bocado de prosa, «Flor de Neve», uma verdadeira joia litteraria, sem duvida das melhores que o nosso amigo tem produzido. Segue.

FLOR DE NEVE

Guarda-sol aberto, a bojuda pança tres palmos ávante, os oculos verdes acabalados no nariz adunco, la ia o abbade, atalho fóra, a mão esquerda atraz das costas segurando a grossa bengalla de canna junctamente com a caixa e o lenço vermelho do rapé.

—Salve-o Deus, senhor reitor.

—Olá cachopa, Deus t'abençõe.

E o abbade continuava a andar pausadamente, muito ronceiro; mas lá adeante como ferido subitamente por uma ideia, voltou-se:

—Eh lá Flor de Neve, psst!...

A rapariga, uma lourita de quinze primaveras, muito branca, olhos côr de cen, bocca vermelha como as papoulas mais rubras, voltou-se apressada:

—Chama-me, senhor reitor?

—Sim, ora chega-te cá, moça.

Ella, muito humilde, beijou a rude mão

Eram cinco horas da tarde; foi a casa do correspondente.

No dia seguinte pela madrugada, tomou o trem e partiu para a quinta. Durante a viagem ia triste e apprehensivo; as paysagens cheias de encanto e poesia, passavam-lhe por deante dos olhos indifferentes e quietos; fumava de quando em quando e procurava dormir, mas os bancos não davam commodo, sacudiam-lhe a cabeça e produziam-lhe uma enxaqueca que parecia abrir-se-lhe o craneo.

Pensava na amante: o que seria d'ella? esperava-o? Afinal havia cometido uma infamia: fogiu devendo-lhe o dinheiro da joia que empenhara... tambem ella nuncia mais o havia de encontrar e esqueceria-o.

A mulher esperou-o em casa dois dias; no segundo dia um empregado da casa do correspondente, foi-lhe a casa buscar a roupa de André.

—E onde está elle? perguntou-lhe ella entre lagrimas.

—Foi para a quinta.

—Desde quando?

—Ha dois dias.

—Oh! que canalha! e depois com um

do abbade que meneando a cabeça com os labios fortemente unidos resmungou:

—Tu andas-me muito doida rapariga! Ha uns tempos para cá que é isto que se vê. A' missa já lá não vaes ha que secalos e seculares. Eu hei-de saber tudo! Olá!...

A pequena rubra como uma cereja, entrou de cravar os olhos no chão e tartamudeou:

—Com'assim... a minha mãe está doente... e eu... sim...

—Bem está rapariga. Se és precisa á tua mãe, vae, vae...

E em quantose affastava o abbade ia ruminando:

—Isto, as raparigas d'agora perdem-se por dá cá aquella palha. Havia de ser no meu tempo!... Aquillo é que eram raparigas! O' tempos, ó mores!

Safa, que calor! se vamos assim continuando...

No adro da pequenina igreja da aldeia os fieis agglomeravam-se esperando a chegada do velho cura, enquanto na velha torre do templo, os ponteiros do desconjunctado relógio, caminhavam vagarosamente, morosamente, como atacados de spleen, para o meio dia.

Nos silveiras em flor assobiam os melros e a roda da azenha, no fundo do valle sombreado e humido, gemia monotona-mente uma canção de trabalho.

O sol, no zenith, cahia perpendicular sobre a terra e um entorpecimento doentio, uma somnolencia morbida occasionada pelo calor ia atacando já o bom do abbade que, commodamente refestelado na sacristia, fechava de vez em quando, inconscientemente os olhos...

Batera o meio dia a rachada sineta do relógio. Sahira da igreja o ultimo dos fieis, e o abbade, abordado á sua grossa bengalla, guarda-sol enorme, aberto, ia caminhando pausadamente, descancadamente para casa.

Foi-lhe ao hombro, cabazinho do almoço no braço roliço e muito branco, Flor de Neve, um sorriso casto a borboletear-lhe a flôr dos labios rubros, vinha, caminho da aldeia, á hora da sesta, de conversa com o filho do morgado, o estroina que, dizia-se, matára o pae com desgostos.

—Olha, Flor de Neve, hasde casar commigo, sim?

—Ora! Bem pensa o senhor morgado n'isso!...

E ella, olhos no chão, côrou... côrou muito ao pensar no que lhe elle dizia.

Sentado á beira da estrada, á sombra fresca e agradavel de uns carvalhos seculares, o abbade, lenço vermelho sobre a perna direita, a caixa do rapé sobre a outra e uma pitada entre o polegar e o indicador da mão direita elevada á altura do peito, ficou suspenso quando os viu:

—Ora o diaho do cachopa!...

E elles passaram...

Tempo depois, a noite foi cahindo mansamente...

Diz-se que o morgado fugira da aldeia, e aqui ha cousa de um anno quando entrei no pequenino cemiterio attentei n'uma lapide branca... muito branca e sobre a qual se lia simplesmente:

movimento brusco, acrescentou: pôde levar a roupa.

III

Quando André chegou á quinta, o pae não lhe disse absolutamente nada; sómente ao fim de uma semana, fez-lhe sentir que estava velho, que elle era moço e podia trabalhar, que afinal aquillo de estudos era uma tolice. E com carinho, acrescentou:

—Estou só, viuvo, e quero que fiques juncto de mim.

O rapaz, um tanto abalado, ouviu tudo aquillo e, resignado, entrou para o quarto. Pensou na sua nova existencia: trabalhar ao sol, á chuva, e a interessar-se por nmas tantas cousas que o enojavam. Teve vontade de chorar, quiz fugir, mas depois, como havia de viver?

A sua vida antiga não tinha trabalhos e consumições, ao contrario, custava o trabalho dos outros; e sem coragem para nada, entregou a uma inercia e a um desanimo, encostou as mãos sobre a cabeça, apoiou os cotovellos sobre a meza e ficou por muito tempo immovel.

Custou-lhe muito; o pae guiava-o em tu-

Flor de Neve  
A' cabeceira d'esta pedra, uma roseira branca trepava, a sorrir, pelo muro...  
Oscar de Pratt

A Quem En Sei

Eu amo-te, creança, que na vida Sngis-te como um sol a illuminar-me A treva em que jazia dolorida, Minha alma escurecida no alarme

Perpetuo do não ser do que duvida, Espinho verberante a cruciar-me No morto coração, folha caída, Amarelento outomno a relembrar-me.

Outomno e folhas mortas, nostalgia, Lufadas iavnaes sem alegria, Eis o que tem minh'alma que t'adora

Bem dita sejas tu, que ao dono d'ella Levaste a grande paz d'uma gazella E a luz aureolante d'uma aurora.

Cardiellos Junior

DESEJOS...

A Oscar de Pratt

Quizera minha virgem Bem-Amada, Teu corpo d'ajo, bello, alvinitente, Enlaçal-o em meus braços meigamente P'ra adormeceres n'elles emballada;

E a tua face, branca e desmaiada, Eu oscular quizera docemente, Sentir arfar teu seio mansamente, Beijar a tua mão, gentil, nevada.

Chamar-te minha, Sancta-Bem-Querida, E passar sempre, sempre a minha vida, Acalentado pelos beijos Teus,

E viver só p'ra ti, pomba formosa, E termos um futuro côr-de-rosa

—Oh! Virgem Sancta, dos desejos meus!...

Vianna, III—III—XCVI

FACTOS DA SEMANA

Pilriteiro que dá pilritos e não dá outra coisa...

Tinhamos já alguns modos de ser que o publico conhece de mais, mas, como os acontecimentos d'esta terra cheia de tortuosidades abimicas se desencadeam n'uma progressão geometrica, apparece-nos ou surpreheude-nos mais uma vara de tres baccoros, salientando-se dois pela sua gastronomosidade, pois não ha receita a equilibrar o deficit dos seus estomagos de abestruz.

Mais um mysterio a decifrar, porém, para este tudo são intuições e assim, não pomos a sua decifração a premio para nos pouparmos ao desgosto de ver a caza cheia de inventores, o que seria uma voragem a desprestiar as nossas magras economias.

Desde annos a esta parte, por imitação, possuímos como testemunho da nossa religiosidade diferentes baccoros, que estimamos e lotariamos para com a conver-

do, aconselhava-o, dava-lhe força moral, porém, elle ás vezes sentia que tinha momentos de desespero e de rebeldias, e não tinha coragem de desafogar-se.

Um domingo, depois de estar já um pouco habituado á vida solitaria, na varanda da quinta, contemplava o cahir da tarde. A viração, fresca e subtil, descia pela encosta da montanha e varria a atmosphera, como se a regasse horrifando-a com agua fresca; um cheiro de estrume exhalava-se do curral dos bois e como que fortalecia o ambiente, tonificando-o; e ao longe, n'uma linha azul, erguia-se um clarão do sol que se sumia vagarosamente, como um sujeito que desaparece manquejando no fim de uma estrada.

André sentia que alguma cousa de impressionavel lhe abalava o ser, que o seu corpo despertava sacudido por alguem e o seu sangue corria-lhe pelos vasos sanguineos, n'uma impulsão sonora.

O seu espirito mergulhava-se em uma zona calma, e então, depois de tanto tempo, lembrou-se do passado. Ia já fazer um anno.

Continúa

FOLHETIM

TURIBIO MONTEIRO

UMA

Desgraçada d'Amor

O rapaz dobrou a carta e, erguendo-se, disfarçou algum tempo a commoção; sentou-se á beira da cama e pousou a mão sobre a cara da rapariga.

—O que diz teu pae?

—Nada, manda-me dizer asueiras de velho e lança-me a benção...

Sentia-se encommodado no entanto; a carta no bolso enterrava-se-lhe pelas carnes como uma faca de ponta, e, allí junto da mulher, não sabia o que fazer, que determinação tomar; pela primeira vez foi que viu que tinha um espirito indicioso, gasto nos palpites do azar.

—Tens alguma cousa, homem?

—Não tenho nada, respondeu André.

E alisando a pelle macia do rosto da mulher, fez-lhe um carinho e sahia.



são do seu valor em metal fazer face ás nossas communhões com a relegião, distribuindo pelos povos, na proporção dos seus haveres e creanças, uns pequenos coupons que por um capricho da sorte, podem redundar n'uma garantia ou premio.

Ainda que, a justificação d'este modo de vencer crises economicas, não seja cabal, todavia a creança protege-o e o depauperamento financeiro explica-o rudimentarmente, devendo assim conformar-nos pela nossa vantajosa situação, originaria d'este processo que se rege pela origem e fim presidencial d'uma tendencia distributiva e equitativa de encargos, em tolera-lo e ainda mais abraça-lo como o mais proficuo e pratico.

Paralelamente com esses baccos permitidos mendigam ou esmolam dois dos tres, sendo maisnado o seu esmolador, porque não se accomoda bem a sua existencia com os sentimentos generosos d'esta gente, que gasta na combastão a coziuhar as suas biographias tempo precioso, que elles não merecem, pois são do numero d'aquelles para quem o desprezo é pouco.

Chamam má lingua á gente de Melgaço, porem não pensam em examinar as sacólas da sua hidiondez criminosa, porque ali encontraríam o elencho de suas infundadas censuras.

Sejam homens dignos e probos e os moihos a triturar as vossas vidas permanecerão immoveis, sendo certo que emquanto houver curvas elles se movimentarão e nós cá estamos com o latego a reprimir desmandos e golutinices.

Sempre sobre o vosso dorso, lembrando á camara em proveito dos municipios a vossa reclusão no curral do concelho e entregando-vos quando vos exijam, mas que não esqueçam... as sanções das posturas.

**Botequim**

Ora, até que emfim, Melgaço vai ter botequim...

O conhecido *Candido da* assemblea, vai abrir um botequim, onde a gente este mar, em *uma* molhar a garganta com algumas botijas de espumante cerveja, á fresca sombra, como *desfastio* das molhadelias que muitos tem apanhado este annoahi para essas adegas, repletas do bello e delicioso verdasco, d'estalo no ceu palatino.

Que lhes aproveite, já que ninguem o procura para venda, e, se se hade estragar em vinagre, é muito melhor ir refrescando o bandulho, n'esta quadra imprópriamente quente.

Isto de beber é uma necessidade impreterivel, e é até mesmo menos custosa a morte pela fome do que pela sede; isto me foi já affirmado por um amigo de Barcho, em carta que me enviou alli dos subterraneos do jardim do Carvalho do Lobo, por mão propria, já se vê, pois que para alli não temos ainda correios *pericacas*.

Bebemos porque temos sedel  
bebemos porque gostamos da pingal  
bebemos porque nos sabe bem!  
bebemos para nos divertirmos!  
bebemos porque... nos queremos embebedar!

E' esta a opiuião do nosso amigo *Gabriel da Rasa*, tão sobejamente manifestada nos seus pontos de... papel.

Ora, é com um tão delicioso prazer, que o nosso *Candido da* assemblea, nos quer mimosear, no seu botequim, o qual denominou *botequim liberal do parlamento*, e do qual nos enviou ha dias a seguinte

*Carta de Lei*

O parlamento do botequim liberal decretou e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º

Tem entrada no botequim liberal todo o cidadão decente que se porte como tal, que se condusa na melhor ordem, e respeite as immuniades da casa que *primará* pela regularidade da contabilidade da sua *caixa* (pavilhão do estabelecimento).

§ Unico. São prohibidos os monopolios, sendo tambem admittidas algumas cidadãs, em salas reservadas das vistas indicretas e peccadoras do sexo feio, para que se não *tenham* a transgredir, com premeditação, esta lei.

Artigo 2.º

Para evitar confusão, impertinente discussão, mau serviço de balcão, e mesmo de

algum cão, será mantido com rigor a seguinte regra geral:

*Dinheiro na mão, café ou vinho no balcão.*

§ Unico. Quem não sentir no bolso calor sufficiente para sustentar aquella condição, não se deve chegar ao balcão, para evitar algum empurrão, até á *salla do cão*.

Artigo 3.º

E' expressamente prohibido os *toques*, menos os do onro, e *descantes*, seja a que horas for, pois que o patrão, como homem pratico, não vive de cantigas, a não ser as de *Tlin* do dinheiro no balcão.

A falta de observancia d'esta disposição importa o pagamento de 4 cafés de multa, que serão distribuidos a quem o patrão entender, sem recurso nem appellação. porque o patrão é inimigo de *chicanas* inuteis, contrarias aos interesses da senhora Dona Gaveta, que cumpre salvaguardar.

Artigo 4.º

São admissiveis as discussões scientificas, litterarias e mesmo politicas, quando estas não sejam contra as vigentes instituições, porque o *Africa*, *India*, *Vasco da Gama* tem porões, e delegações nos boixos dos paços do concelho.

§ Unico. São todavia terminantemente prohibidas as discussões da vida *privada* por causa de não affectar a prosperidade da casa e o *olphato* dos freguezes.

Artigo 5.º

Não é permittido a entrada para dentro do balcão, sem *previa* auctorisação do patrão, ou de quem o represente, sob pena de multa de uma garrafa de vinho maduro, paga á vista, e logo bebida pelos membros do *conselho privado*.

§ Unico. E' admissivel recurso para o referido conselho privado, mas sem effeito suspensivo.

Artigo 6.º

O conselho privado reúne todas as noites no 1.º andar do botequim, e é composto por cidadãos nomeados pelo patrão.

Artigo 7.º

O patrão poderá todavia conceder a entrada para dentro do balcão a quem muito bem entender, não havendo decisão.

§ Unico. As disposições d'este artigo não se entendem com os agentes do fisco.

Artigo 8.º

Aquelle que bater com o tãco do bilhar sem ser nas bolas, será immediatamente expulso da sala, e pagará uma multa arbitrada pelo conselho privado, sem recurso, appellação ou agravo.

E' pagar e ir bufar para o olho da rua.

Artigo 9.º

Todo o cidadão que fielmente respeitar a presente lei, tem direito a fazer parte do conselho privado, quando haja vacatura, e a todas as considerações, sendo a tudo attendido nas suas pretensões, quando sejam justas e *metalicamente* solicitadas.

Artigo 10.º

No estabelecimento não ha Gíz!

Artigo 11.º

Todo o cidadão, sem distincção, que pela primeira vez transgredir esta lei, será advertido, e, reagindo será logo acompanhado até ao *olho da rua*, pagando as multas pelos delictos commettidos.

As reincidencias são sempre punidas com multa no dobro.

Artigo 12.º—Transitorio

A qualquer hora, quer de dia quer de noite, não chovendo a cantaros, o patrão tem direito a pol-o no olho da rua, sem mais *trite* nem *quarte*, quem muito bem entender, com recurso para o conselho privado, mas sem effeito suspensivo.

Os membros do conselho privado não serão superiores a 6, e teem direito, por cada sessão, a seis cafés gratuitos.

O conselho reunir-se-ha por convocação do patrão, indicando a hora da reunião e o objecto a tratar.

Artigo 13.º

No estabelecimento não se *mica*, nem se *salta*, nem se *aponta*, nem *coisa* com que tal se pareça.

Artigo 14.º

Fica revogada a lei em contrario. O meu empregado do balcão assim o tenha entendido e faça executar.

Dada no Botequim Liberal aos 40 d'abril de 1896.—O Patrão.

**Euctrosa**

No dia 12 do corrente mez, pelas 8 horas da manhã, falleceu na sua casa de S. Julião, suburbios d'esta villa, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Benta d'Araujo Cunha e Vasconcellos, viuva do sr. João Luiz Pitta de Vasconcellos, ha pouco ainda fallecido em Macán, e presada irmã do sr. Miguel d'Araujo Cunha, illustrado tenente coronel da guarda municipal do Porto.

Morreu nova, a desditosa senhora, victima de uma atroz doença que de ha muito lhe minava a sua existencia, e pôde affirmar-se que foi sinceramente sentida a sua morte.

Custa sempre ver morrer alguém, mas custa mais e bem mais ver desaparecer d'este mundo quem é novo e deixa familia completamente só.

O seu funeral, que se realizou no dia 14 d'este mez, foi muitissimo concorrido, lamentando todos que a acompanharam desde a casa da sua residencia até a igreja matriz d'esta villa, e d'ahi até á ultima morada, a sorte da infeliz senhora.

As borlas do caixão pegaram os srs.: Caetano José d'Abreu Cunha Araujo, Manoel Corrêa Feijó, Manoel Joaquim de Sousa e Castro Moraes Sarmiento e Augusto Cesar Gomes Pinheiro.

A referida igreja d'esta villa achava-se elegante e ricamente adornada, encontrando-se grande numero de ecclesiasticos, resando-se a missa e officio de corpo presente, findo o qual foi o feretro transportado para o cemiterio municipal, incorporando-se n'elle algumas irmandades e muitos particulares.

D. Maria Benta de Vasconcellos ficou depositada no jazigo de familia do sr. D. Luiz Anguiano Rodrigues, da casa da Fraga.

A toda a familia da finada, endereçamos a expressão mais sincera do nosso profundo pesar.

Paz á sua alma.

das que me desist... via de chamar...

**Senhora dos Prazeres**

Na segunda feira passada festejou-se, com a pompa costumada, no logar do Barral, freguezia de Paderne a milagrosa imagem de N. Senhora dos Prazeres.

Attendendo á excellencia do passeio e á belleza do local, foi grande a concurrencia de fieis.

Não nos consta que houvesse alteração da ordem.

**Missa**

A expensas de alguns devotos, no domingo ultimo foi mandada cantar uma missa na igreja matriz d'esta villa, em honra de St.<sup>a</sup> Barbara, havendo sermão pelo distincto orador sagrado, rev. José Bento de Fontes, de S. Paio, que, seguido nos consta, fez um brilhante discurso.

**Lista dos caloteiros do nosso jornal**

1.º Rev. José Manoel Alves Salgado de Castro, do logar da Pombeira, freguezia de Rouças.

2.º Rev. José Antonio Alves Salgueira, encomendado da mesma freguezia.

\* Pregou-nos cada um o *cão* de 15000 réis, da assignatura do 2.º anno.

No proximo numero nos occuparemos mais delidamente d'este assumpto, e publicaremos os nomes de mais alguns *calvalheiros* de... character.

**BOLETIM ELEGANTE**

—Chamado pelo fallecimento de sua presada irmã, acha-se entre nós o illustrado tenente coronel da guarda municipal do Porto, sr. Miguel d'Araujo Cunha.

—Vimos ha dias n'esta villa, os srs. José de Faro e Luiz Barreto, estimaveis cavalheiros da Ponte da Barca.

—Regressaram aos diversos estabelecimentos scientificos do paiz, todos os academicos que aqui vieram passar as festas da paschoa com snas familias.

—Regressou ao Porto, o nosso bom amigo, sr. Arthur Corrêa dos Santos.

Acompanhou-o sua ex.<sup>ma</sup> irmã D. Julia Corrêa dos Santos.

—Regressou dos Arcos, onde tinha ido passar as festas da Paschoa, o sr. Francisco Pereira de Souza, digno contador d'este juizo.

—Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> mãe, partiu para o Porto, o sr. José Ferreira Lascasas.

—Acha-se entre nós, com sua esposa e filha, o nosso antigo amigo, sr. José Antonio da Rocha Cabral, muito digno 2.º sargento da guarda fiscal.

—De visita a sua familia, acha-se em Prado, o nosso bom amigo, padre Luiz Antonio Lopes, actual parochco da freguezia da Faxe, concelho de Ponte do Lima.

—Foi ao Porto, o sr. Joaquim Egas Affonso, acreditado negociante, da Corredoura, de Prado.

—Vimos ha dias n'esta villa, os srs. Manoel Joaquim d'Abren e Alfredo de Sousa e Castro, da Vallinha, e Avelino Domingues Lourenço e esposa, da Ponte do Mouro.

**ANNUNCIOS**

Comarca de Melgaço  
2.ª praça

**ARREMAÇÃO**

No dia 19 do corrente mez, ao meio dia, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, se ha de vender, a quem mais der, por metade do seu valor, os seguintes bens: Casa de morada, com seus rocios, em 22\$500 réis. Outra casa de morada, com seus rocios, em 10\$000, ambas situadas no logar do Souto, freguezia de Prado, os quaes foram penhorados na execução que a Fazenda Nacional, move contra Isabel Pereira e Rosa Emilia Martins, casadas, e Maria Rosa Monteiro, solteira, do mesmo logar do Souto, pela quantia de 40\$515 réis sellos e custas, para a qual são citados os credores incertos para deduzirem seu direito.

Melgaço, 13 d'abril de 1896.

Verifiquei  
O juiz de direito,  
A. Garrido.

O escrivão interino,  
Duarte Augusto de Magalhães

**Comarca de Melgaço**

Pelo juizo de direito da comarca de Melgaço e cartorio do 3.º officio correm editos de 60 dias citando todos os interessados incertos que se julguem com direito aos bens da herança do auzente em parte incerta José Joaquim Gomes, morador que foi no logar de Ferreiros, freguezia d'Alvaredo d'esta comarca, e bem assim correm editos de seis mezas a cilar tambem o dito auzente, nas e ontro para comparecerem n'este juizo na segunda audiencia posterior ao termo do prazo dos editos a fim de verem accusar a citação e impugnarem no prazo legal a acção de curadoria definitiva que a Fazenda Nacional move contra Manoel José Gomes e mulher e outros, da freguezia d'Alvaredo.

As audiencias n'este juizo fazem-se ás segundas e quintas feiras de cada semana não sendo feriados ou sanctificados por que sendo-o se fazem nos dias immediatos, no tribunal judicial d'esta comarca.

Melgaço, 13 de abril de 1896.

Verifiquei  
O juiz de Direito  
A. Garrido.

O escrivão interino,  
Duarte Augusto de Magalhães

**MISSA**

Os abaixo assignados participam a todos os seus parentes e pessoas das snas relações, que no dia 18 do corrente mez, pelas 9 horas da manhã se rezará uma missa na igreja matriz d'esta villa, suffragando a alma de sua querida mãe, irmã e cunhada D. Maria Benta d'Araujo Cunha e Vasconcellos, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este acto religioso.

Adelia Pitta de Vasconcellos  
Carolina d'Oliveira e Cunha  
Miguel d'Araujo Cunha  
Miguel Frederico Pitta de Vasconcellos





LOJA DO MELRO

# BARATEIRO DO RIO DO PORTO

JERONYMO FERNANDES DE BARROS

Tem no seu estabelecimento grande sortido de fazendas para vender por occasião da Assenção, mais barato do que na Galiza.

- Por exemplo:
- Pannos pretos de 800 a 15000 réis.
  - Diagonaes pretos de 15000 a 15800 réis.
  - Grande sortido em chales pretos e de côr a 15000, 15200, 15300, 15800, 25000, 35000 e 35500 réis.
  - Chitas de côr a padrões modernos e novidade a 70 réis.
  - Riscados largos a 65 réis.
  - Lenços para a cabeça a 90 réis.
  - Casemiras para facto a 450 réis, e muitos outros artigos que tudo vende por preços baratos.

Descança a pena e tinteiro  
Tudo barato e inteiro  
A quem trouxer o dinheiro  
O que quer o caloteiro  
Dá-se ao que traz dinheiro

## GENTRO D'ASSIGNATURAS

MONSÃO

Vida de Santa Inez—Approvado e indulgenciado pelo rev.<sup>mo</sup> sr. D. Americo.

1 volume..... 200

Consultorio Ecclesiastico—Respostas e consultas pelo p.<sup>o</sup> Manuel d'Albuquerque.

2 vol. encadernados ..... 35600

Theologia Fundamental.

1 volume..... 15200

Discursos Sacros—Pelo presbytero Manuel d'Albuquerque.

1 volume..... 600

Exercicios de Perfeição e Virtudes christãs.

3 volumes..... 35000

Compendio de Theologia Moral—Elaborado sobre o plapo do rev. P. Gury.

3 vol. encadernados..... 65000

Sciencias Ecclesiasticas — Revista mensal dedicada ao clero de Portugal e Brazil.

Com approvação e recommendada pelos ex.<sup>mos</sup> rev.<sup>mos</sup> srs.: Cardeal Patriarcha de Lisboa, Cardeal Bispo do Porto e João Maria, Bispo d'Angra.

Director—P.<sup>o</sup> Manuel Albuquerque.  
—Anno 15200 réis.

Faz-se aviamento rapido de qualquer encomenda de livros para o que ha correspondencia regular com os principaes mercados literarios.

Cesar Marques—MONSÃO

### CONTRA A DEBILIDADE

Vinho Nutritivo de Carne

Unico legalmente auctorisado pelo governo, e pela junta de saúde publica de Portugal, documentos legalisados pelo consul geral do Imperio do Brazil. É muito util na convalescença de todas as doencas; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Achase á venda nas principaes pharmacias.

### CONTRA A TOSSE

MARQUE PEITORAL JAMES

Unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saúde Publica de Portugal, ensaiado e approvado nos hospitales. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Depositos nas prin

### MELGAÇO

Visitas a mercearia. Gas Affonso, em Praa, logar da Corredoura, e vereis um liudo sortido de fazendas de lã, proprias da presente estação, para fatos d'homem; bem assim um completo sortido de riscados, cutins, algodões e generos de mercearia, que tudo vende mais barato que qualquer outro estabelecimento.

VER PARA CRER!

### CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco

Esta farinha, que é um excellento alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças, é ao mesmo tempo um precioso medicamento que pela sua acção tónica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo. Está legalmente auctorisada e privilegiada.

### MACHINAS DE SINGER (PARA COSTURA)

As melhores até hoje conhecidas.—A prestações semanaes. Grandes descontos a prompto pagamento. Vende-as em Melgaço, o seu representante:

FELICIANO CANDIDO D'AZEVEDO BARROSO (O CANTINHO)

MELGAÇO

VENDER MUITO E GANHAR POUCO É O SYSTEMA ADOPTADO NA

# LOJA NOVA

DE ANTONIO JOAQUIM ESTEVES

PRAÇA DO COMMERCIO MELGAÇO

O proprietario d'este acreditado estabelecimento mais uma vez chama a attenção dos seus numerosos freguezes e amigos, para verem o sortido de generos que recebem ultimamente, que vende por preços barattissimos.

Sortido completo de doce, pão de ló. Bolacha da fabrica da PAMPULHA (Lisboa).

Doce de Pera e Tamará. Massas de diferentes qualidades.

Vinhos maduros do acreditado armazem da Estrella.

E todos os generos de mercearia.

Sortido completo em cotins, pannos crus e riscados, pelos preços já muito conhecidos.

Cazemiras e flannels azuis e pretas, gostos lindissimos e baratos.

Picotilhos desde 500 réis o metro. Guardanapos a 25 réis. Camisolas a 100 réis.

### SALDO

Um saldo de calçado de Lisboa. Sapatos que eram a 15800 réis vendem-se a 15200 réis, outros ditos de 15500 réis vendem-se a 15000 réis.

a a occasião. dos artigos mencionados ha muitos outros impossiveis de mencionar que tudo se vende mais barato do que na Galiza.

## MULLARD, MILLAUDE & C.<sup>a</sup>

CASA EDITORA

96, Boulevard Montparnasse

242—1.<sup>o</sup>, Rua Aurca, 242—1.<sup>o</sup>

PARIZ

LISBOA

HENRI ROCHEFORT

EMILE ZOLA

AVENTURAS DA MINHA VIDA

ROMA

Publicação semanal aos fasciculos de 80 paginas. Preço de cada fasciculo 120 ré s. Em todas as livrarias.

# TYPOGRAPHIA

DO

"JORNAL DE MELGAÇO"

Esta casa typographica, encarrega-se de qualquer trabalho bem como facturas, memoranduns, mappas, livros, participações de casamento, cartas funebres, cartazes e programmás para theatros, bilhetes para rifas e encarrega-se tambem de impressos para repartições publicas por preços modicos.

### CARTONS DE VISITA

Branco desde 300 a..... 600 rs.  
De luto desde 600 a..... 15000 rs.